

Conversa entre irmãos

[13/08/1980]

- Devo te confessar, mano, e com muito pesar, que me enganei contigo. Que as coisas mudaram, mano. Quando éramos crianças, mano, andávamos sempre juntos. Pensei que continuaríamos toda a vida assim, inseparáveis.
- Isso eram os Irmãos Siameses, mano.
- É. Os Siameses. Estávamos sempre nos metendo em aventuras, te lembra, mano? Brigando com os vizinhos, essas coisas de moleque. Pensei que continuaríamos sempre assim, os dois aventureiros.
- Isso eram os Irmãos Corsos, mano.
- Pois é. Os irmãos Corsos. Lembro desse livro, mano. Quando chegou a adolescência tivemos crises existenciais, te recordas, mano? Tu muito religioso, eu menos... Pensei que continuaríamos sempre unidos por esse contexto dramático, mano.
- Isso eram os Irmãos Karamázov, mano.
- Pois é. Aqueles russos, certo? Agora, mano, devo te confessar que essas coisas muito sérias não servem. Sempre gostei de

uma boa farrá, de fazer brincadeiras engraçadas, de um porre de vez em quando... Pensei que me acompanharias, mano.

— Isso eram os Irmãos Marx, mano.

— Eu sei, mano. E com esse negócio de extravagâncias, fui gastando, me meti em dívidas. Lá pelas tantas, tive de dar um gole, mano. Arranjei um dinheiro não muito limpo... Mas isso não era razão para te zangares comigo, mano. Pensei até que pudéssemos ser sócios na malandragem.

— Isso eram os Irmãos Metralha, mano.

— E agora, mano, me atiras às feras, me deixas na rua da amargura. Logo tu, que estás sempre falando na Bíblia.

— Pois é mano, a Bíblia. Não te lembras de José e seus irmãos?

— Mas bem que podias me ajudar, mano. Afinal és o presidente dos Estados Unidos, derrotaste o Kennedy na convenção democrata.

— Tudo certo, Billy. Mas, acaso sou eu o guarda do meu irmão?

IV: SCLAIR, Meacyr, "A Pevia das coisas simples: crônicas". São Paulo: Companhia das Letras, 2012, págs. 205-206.